

O uso do pronomes *nós* e *a gente* no gênero entrevista da mídia televisiva – uma análise do português culto falado em Belém.

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Universidade de São Paulo (USP)

Ednalvo Apóstolo Campos
ednalvo@usp.br

RESUMO: Neste artigo, analiso a gramaticalização dos pronomes *nós* e *a gente* no gênero entrevista da mídia televisiva e defendo uma especialização desses itens a partir dos traços *inclusão* e *exclusão* do ouvinte na interação dialógica.

Palavras-chave: gramaticalização; pronomes de inclusão e exclusão; *nós*; *a gente*.

1 - Introdução

A literatura sobre o português falado no Brasil (PB) aponta a mudança que vem ocorrendo no paradigma pronominal, se comparado ao paradigma do português europeu (PE). Destaco Duarte (1996) e Lopes (1998) cujos trabalhos consideram a gramaticalização desses itens. Tomando uma posição distinta da tradição gramatical, Duarte analisa a trajetória do preenchimento do sujeito no Português Brasileiro e sua simplificação. Inclui o pronome de terceira pessoa *a gente* no paradigma funcional, destacando sua presença na fala dos jovens e sua popularização cada vez maior na fala de pessoas com faixa etária mais alta. Postula, também, citando Galves (1990, 1991) que a redução de paradigma é responsável pela perda do traço *semântico*, relacionado com as três pessoas do discurso, na categoria gramatical de *pessoa*, restando-lhe apenas o traço *sintático*.

Neste trabalho, faço uma análise das ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* no gênero entrevista da mídia falada, na cidade de Belém, sob o enfoque teórico da *Gramaticalização*. A meu ver, algumas perguntas ainda não estão categoricamente respondidas: (i) o uso da forma *a gente* constitui variante na língua oral? (ii) Que fatores lingüísticos favorecem o uso dessa forma? (iii) a forma *a gente* é usada apenas no registro

coloquial? (iv) pode-se conceber a forma *a gente* como um índice de estigmatização lingüística por falantes do PB?

O corpus da pesquisa é composto por 12 páginas de transcrição de entrevista do Programa Sem Censura Pará, com duração de 40 minutos. O Programa ocorreu no dia 26.03.08 e segue o modelo de entrevistas do Programa Sem Censura da Rede de Televisão Cultura, em que entrevistador e convidados, distribuídos numa mesa em forma de círculo, conversam sobre assuntos de informação geral e prestação de serviços à comunidade.

Os entrevistados do Programa foram um secretário de Estado, a coordenadora de um programa de assistência social, um professor e escritor local e um cantor. A transcrição limita-se às duas primeiras entrevistas, com cerca de vinte minutos cada.

Tomarei como base o método de contagem proposto por Bybee (2003) de frequência *type* e *token* em gramaticalização de itens lexicais.

No corpus analisado, as formas *nós* e *a gente* expressam valores diferentes quanto à noção de pessoa. Tendem a ocorrer ora com valor *Exclusivo* – exclui o ouvinte (*nós*), ora com valor *Inclusivo* – inclui o ouvinte (*a gente*), ora com valor neutro – podendo incluir ou excluir o ouvinte (*nós / a gente*). Baseio-me na tipologia apresentada por Shopen (1996) e Payne (1997) quanto ao traço inclusivo/exclusivo na distinção da primeira pessoa do plural, em algumas línguas.

2 – Algumas considerações sobre gramaticalização

São diversos os processos de mudança lingüística por que passam as línguas. No âmbito do português falado no Brasil, muitos estudos abordam algumas dessas mudanças com base no léxico, na semântica, na sintaxe, na fonologia e na morfologia da língua. Para alguns lingüistas, a gramaticalização é um dos processos constitutivos de mudança lingüística, concorrendo com outros que ocorrem no discurso, no léxico e na semântica.

Castilho (2007) concebe a língua como um multissistema cujas categorias devem ser postuladas como entidades não lineares nem estáticas, mas multilineares, dinâmicas e simultâneas. Defende que uma análise de língua pode começar por qualquer subsistema: o léxico, o discurso a semântica e a gramática, mas sem se deter num único deles. O autor

assume uma metodologia transdisciplinar e considera que os itens lingüísticos comportam simultaneamente propriedades lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais e, assim, uma investigação da criatividade lingüística poderá ser abordada sob a égide de quatro princípios: a *lexicalização*, a *semanticização*, a *discursivização* e a *gramaticalização*. O método de Castilho possibilita a observação da atuação de mudança lingüística nos vários sistemas da língua.

Numa abordagem diferente de Castilho, Hoper (1987, apud GONÇALVES, 2007 p 15) entende a gramática das línguas como algo em constante construção, cujo estatuto vai sendo constantemente negociado na fala, não podendo, em princípio, ser separado das estratégias de construção do discurso. Para Gonçalves, subjaz a esse entendimento uma concepção de língua como atividade no tempo real e, portanto, não há gramática como um produto acabado, mas constante *gramaticalização*.

Nos parágrafos seguintes, apresento a definição de alguns autores sobre o conceito de gramaticalização.

É atribuído a Meillet (GONÇALVES, 2007) o primeiro uso do termo *gramaticalização* para se referir à passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical. Meillet aponta dois procedimentos por meio dos quais as formas gramaticais novas são constituídas: a inovação analógica e a gramaticalização. Alguns fenômenos foram apontados por Meillet e considerados propulsores de gramaticalização: a situação de comunicação e o sujeito nulo; a passagem de palavras principais a acessórias; perda de valor semântico das palavras; a ordem dos termos na frase etc.

Gonçalves também considera que, na literatura, nem todos os autores distinguem com clareza processos, princípios, mecanismos, critérios e parâmetros que identifiquem formas já gramaticalizadas, e afirma que parece haver um consenso quanto à concepção da gramaticalização como um processo que segue uma escala de mudança.

Operando na escala de mudança, alguns autores formularam princípios de gramaticalização. O princípio da unidirecionalidade rege mecanismos que atuam no processo de gramaticalização, como o *desbotamento*, a *analogia*, a *erosão fonética*, o *aumento de freqüência de uso* etc.

Heine et alii. (1993) abordam os processos cognitivos, elementos causadores de motivação à *gramaticalização*

The main claim made here is not only that grammaticalization offers an important parameter for understanding linguistic behavior but that grammaticalization itself is motivated by extralinguistic factors, above all by cognition.

Outro fator considerado é a frequência (BYBEE, 2003), pois itens gramaticalizados são aqueles que ocorrem com maior frequência já que a repetição frequente de uma forma desempenha um papel importante nas mudanças que ocorrem durante o processo.

3 – As categorias gramaticais *nós* e *a gente* conforme Neves (2000) e Bechara (2006).

Segundo Neves (2000) o pronome pessoal tem uma natureza fórica, pois tem a capacidade de fazer referência a uma pessoa ou coisa que foi ou vai ser referida no texto.

A autora apresenta o quadro de pronomes pessoais para referência às três pessoas gramaticais, todavia não inclui nele a forma pronominal *a gente*.

	SINGULAR	PLURAL
1ª pessoa	Eu	Nós
2ª pessoa	tu, você	Vós
3ª pessoa	ele, ela	eles, elas

Neves considera o uso do sintagma nominal *a gente* como pronome na expressão da linguagem coloquial “Na linguagem coloquial o sintagma nominal *A GENTE* é empregado como um pronome pessoal”.

Bechara (2006) considera que os pronomes pessoais designam duas pessoas do discurso e a não-pessoa (não-eu, não-tu), considerada pela tradição a não-pessoa.

O Autor, em referência à forma *a gente* considera:

O substantivo *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos, o verbo fica na terceira pessoa do singular”.

Quanto à classificação do item *a gente*, não há distinções entre os autores. Ressalto o aspecto apontado por eles no que se refere ao uso de *a gente* como pronome em *linguagem coloquial* (Neves) e *fora da linguagem cerimoniosa* (Bechara).

4 – Os traços *Inclusivo* e *Exclusivo* em pronomes

Lopes (1998) comenta sobre o equívoco cometido pela gramática normativa quanto à noção de pessoa dos pronomes pessoais em função de sujeito gramatical, pois “considera o pronome nós como mero plural de ‘eu’, sem discutir o seu uso mais abrangente e genérico de um ‘eu-ampliado’”. Lopes discorre sobre as condições pragmáticas da noção de pessoa:

Em sua origem, a noção de pessoa está intimamente relacionada a condições pragmáticas, designando um elemento do universo do discurso que pressupõe, por sua vez, uma interação dialógica entre o falante – aquele que enuncia – e o ouvinte – a quem se dirige o enunciado. (LOPES, 1998)

Thomas Payne (1999) e Shopen (1995) descreveram a existência de morfemas com traços *Inclusivo/ Exclusivo*, em algumas línguas, para a expressão da categoria de pessoa.

Many languages have an **inclusive/ exclusive** distinction within the category of first person. First person inclusive includes speaker and hearer and may or may not include a non-speech act participant. Some languages have an “inclusive dual” form, even though dual may not be specified in any other part of the grammar. This form refers only to speaker and hearer and excludes a non-speech act participant. First person exclusive includes the speaker and a non-speech act participant, but excludes the hearer. (PAYNE, 1999 p. 45)

Em estudo descritivo da língua Malagásia, Shopen postula que:

In first person plural forms, it is not uncommon to find morphemic distinctions that depend on whether or not the referent of *we* includes or explicitly excludes the *Adr.* Such *inclusive / exclusive* distinctions commonly extend also to clitics, personal affixes, and possessive forms as well” (SHOPEN, 1995 p 264-265)¹ⁱ

Na língua portuguesa, o emprego dos pronomes *a gente*, *nós* e *tu/você*, bem como de outros sintagmas nominais, é bastante utilizado para referência genérica. Todavia as formas pronominais não distinguem morfologicamente as categorias de pessoa. Os pronomes *nós* e *a gente*, ora são empregados para referir à primeira e segunda pessoas; ora à primeira, segunda e terceira; ora como forma genérica, com uso indeterminado, revelando a intenção de não exposição da primeira pessoa.

Observando o comportamento dos pronomes *nós* e *a gente* no *corpus*, é pertinente analisá-los sob o enfoque proposto pelos autores já mencionados. Portanto, proponho uma classificação experimental dos pronomes *nós* e *a gente* a partir do traço distintivo de *Inclusão* e *Exclusão*, na categoria de primeira pessoa, do ouvinte, o qual passa a ser no gênero midiático, o telespectador.

5 – Análise dos dados

Conforme já mencionado, tomarei como método de verificação as frequências *type* e *token* – proposto por Bybee (2003) para a contagem da frequência de itens. A frequência *token* diz respeito à frequência de ocorrência de uma unidade no texto, geralmente uma palavra ou morfema e a frequência *type* refere-se a um modelo particular de uso desta unidade. De acordo com a autora a frequência de uso de um item levá-lo-á à gramaticalização.

Apresento a seguir, alguns exemplos retirados do *corpus* analisado:

(1) *Apresentadora*: “No primeiro bloco, André Farias – secretário Estadual de Integração regional explica pr’**a gente** como a região do Xingu localizada no centro sul do Pará será beneficiada pelo plano”.

No exemplo 1, a utilização de *a gente* pode incluir o falante (eu) e os ouvintes: interlocutores presentes (tu) e interlocutores ausentes ou telespectadores (eles), incluindo a noção de primeira, segunda e terceira pessoas. Nesse caso, teríamos um *a gente inclusivo*.

(2) *Apresentadora*: “e hoje, daqui a pouquinho eu mostro os livros que **nós** vamos sortear”.

No exemplo 2, o pronome *nós* parece não incluir o telespectador, fazendo referência ao falante (eu) e interlocutores (vocês - participantes do programa) e, nesse caso, teríamos um *nós exclusivo*.

(3) *Apresentadora*: “...que é aquela região entre o Tapajós e o Xingu e **a gente** sabe que é uma região muito marcada por intensos conflitos fundiários”.

Novamente, o uso da forma *a gente* assemelha-se ao exemplo 1 – *a gente inclusivo*.

(4) *Entrevistado 1*: “Eh... é importante você começar ah... a entrevista abordando esta questão, porque ah... dos cinco eixos que **nós** vamos ter no Plano de Desenvolvimento Regional do Xingu,

No exemplo 4, o pronome *nós*, utilizado pelo *entrevistado 1* (Secretário de Estado) parece estar sendo usado para referência genérica, por ser o Secretário representante direto do Poder Legislativo e falar em nome de uma instituição – o Governo Estadual, o pronome também, parece não incluir a terceira pessoa, portanto com valor *exclusivo*.

(5) *Debatedor 1*: “...a própria Transamazônica que foi um, no passado, um Eldorado e hoje **nós** vemos como ela se encontra ainda né”.

O exemplo 5 distingue-se dos demais, pois parece incluir o telespectador e, nesse caso, teria o traço *inclusivo*.

(6) *Apresentadora*: “aqui no sem Censura **nós** já falamos sobre isso, já recebemos pessoas do governo...”.

O exemplo 6 parece excluir a terceira pessoa, fazendo referência à primeira (eu) e segunda (tu – debatedores, equipe do programa), nesse caso teria valor *exclusivo*.

(7) *Entrevistado 1*: “...Não... já está acontecendo, é uma preocupação né, que a população tem, que **a gente** sempre tem que dizer, já está acontecendo...”.

No exemplo 7, proferido pelo Secretário de Estado, numa das raras vezes que utiliza o pronome *a gente*, parece incluir a terceira pessoa (telespectador), portanto *a gente* *inclusivo*.

(8) *Entrevistado 2*: “ **Nós** temos uma ampla rede de, de assistência”

(9) *Entrevistado 2*: “...como **a gente** foi recém inaugurado...”

Já nos exemplos 8 e 9 os pronomes *nós* e *a gente* têm o mesmo valor quanto à exclusão da terceira pessoa.

A frequência *token*, na tabela abaixo, revela o uso mais freqüente, de 67%, do pronome *nós* e 33% do pronome *a gente*, no entanto, como pudemos ver nos exemplos, esses pronomes foram utilizados, em sua maioria, com função pragmática distinta, ora com a intenção de inclusão do telespectador, ora para marcar a sua exclusão.

Foram encontradas 84 ocorrências *tokens*, sendo 56 para *nós* e 28 para *a gente*.

Tabela 1

Participantes	Tokens	
	<i>Nós</i>	<i>a gente</i>
Apresentadora	5	14
entrevistado 1	47	4
entrevistado 2	3	8
Debatedor 1	1	
Debatedor 2		2
total de ocorrências	56	28

A seguir, analiso esses pronomes a partir da frequência de tipos (*freqüência type*), focando seus usos particulares pelos sujeitos, distribuídos conforme a dinâmica do programa de entrevista: apresentadora, entrevistado 1, entrevistado 2, debatedor 1 e debatedor 2.

Tabela 2

Participantes	Types			
	<i>nós inclusivo</i>	<i>nós exclusivo</i>	<i>a gente inclusivo</i>	<i>a gente exclusivo</i>
Apresentadora	-	5	13	1
entrevistado 1	-	47	3	1
entrevistado 2	-	3		8
Debatedor 1	1			
Debatedor 2	-		2	-
Total	1	55	18	10

A Tabela 2 apresenta a distribuição dos pronomes *nós* e *a gente* em tipos de usos particulares, possibilitando uma apreciação global das ocorrências de usos dos pronomes e na tabela 3 os usos são identificados em percentuais.

Tabela 3

	Ocorrências Types em porcentagem			
	<i>Nós inclusivo</i>	<i>nós exclusivo</i>	<i>a gente inclusivo</i>	<i>a gente exclusivo</i>
Participantes				
Apresentadora	-	6%	15%	1%
entrevistado 1	-	56%	4%	1%
entrevistado 2	-	4%		10%
Debatedor 1	1%			
Debatedor 2	-		2%	-
Total	1%	66%	21%	12%

Das 84 ocorrências *token*, conforme já mencionado, 67% delas dão-se com o pronome *nós* e 33%, com o pronome *a gente*. Considerando as características do gênero discursivo “entrevista televisiva” cujo contínuo (MARCUSCHI, 2004) situa no domínio da fala, em concepção discursiva oral e, por esse razão, talvez se explique as ocorrências do pronome *a gente*.

As freqüências types do pronome *nós* ocorrem quase exclusivamente com traço *Exclusivo* da categoria de terceira pessoa, excluindo a *não-pessoa* – o telespectador, pois das 57 ocorrências, 56 (66%) delas apresentam traços *Exclusivo* e apenas 1 (1%) apresenta traço *Inclusivo*.

Já as freqüências types do pronome *a gente* ocorrem em quantidade menor, mas, em grande maioria, com valor distinto do pronome *nós*, pois apresentam o traço *Inclusivo*.

As **Tabelas 2 e 3** confirmam esses dados. De 28 ocorrências do pronome *a gente* (correspondente a 33% das ocorrências *tokens*) em 18 delas (21%), o pronome *a gente* ocorre com valor *Inclusivo* e em 10 (12%) ocorre com valor *Exclusivo*.

Portanto, conforme corroboram os dados os pronomes *nós* e *a gente* são utilizados, quase sempre, com valores pragmáticos distintos. O pronome *a gente*, altamente estigmatizado pelas gramáticas normativas ocorre com frequência no português culto falado, pelos menos, na cidade de Belém.

6 – Considerações finais

Os pronomes *nós* e *a gente* ocorreram no *corpus* analisado – entrevista televisiva conforme a intenção de inclusão ou não do interlocutor ausente – o telespectador, considerado aqui como terceira pessoa, ou a *não-pessoa*.

O emprego do pronome *nós*, de acordo com os dados das tabelas 2 e 3, exclui a *não-pessoa*, portanto temos o *nós exclusivo*, em 99% das ocorrências. Já o emprego do pronome *a gente* ora inclui, ora exclui a *não-pessoa*, ocorrendo duas possibilidades: *a gente inclusivo* e *a gente exclusivo*.

O uso desses pronomes no *corpus* analisado revela um caso de especialização, ou seja, ocorrem como pronomes *inclusivos* ou *exclusivos* e diferenciam-se da classificação tradicional.

Neves (2000) reserva o uso do sintagma nominal *a gente* como pronome de primeira pessoa à linguagem coloquial, enquanto Bechara (2007) considera-o como pronome de uso fora da linguagem cerimoniosa.

Diferentemente dessa classificação dos autores mencionados acima, os dados analisados revelam que os pronomes *nós* e *a gente* ocorrem no português falado culto no Brasil, ou pelo menos na cidade de Belém, com funções pragmáticas bastante distintas e não apenas aquela referente ao grau de formalidade, a que se referem as gramáticas.

Nesse sentido, torna-se necessário observar as especificidades referentes ao emprego desses pronomes, pois, se por outro lado o uso de *a gente* apresenta, no *corpus* analisado, traços que o distingue do pronome *nós*, logo não é aquele simplesmente uma variante deste; por outro lado é preciso, então conceber esses traços paramétricos como um tipo de especialização, e não a simples substituição de uso coloquial.

Defendo, portanto, o uso desses pronomes conforme as intenções discursivas, pois com intenções claras de inclusão ou exclusão é que os dados analisados revelaram seus usos no gênero entrevista, demonstrando neles aspectos cognitivos que denotam marcas de gramaticalização.

7 – Bibliografia Consultada

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática portuguesa. 37^a Ed. 16^a reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006

BYBEE, Joan. Mechanisms of Change in Grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R. JOSEPH, B. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003 (pp. 602-623) WWW. Unm.edu/~jvbee

CASTILHO, A. T. Abordagem da Língua como sistema complexo: contribuições para uma nova lingüística histórica. In: CASTILHO, A. T. et alii (orgs.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas, SP: Pontes/FAPESP, 2007, p.329-360

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: I. Roberts & Kato, Mary A. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – homenagem a Fernando Tarallo*. 2^a ed. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 1996, p. 107-128. Coleção repertórios.

GONÇALVES, Sebastião Leite et alii.(orgs.) Introdução à gramaticalização.São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto no Brasil. Delta vol. 14 n.2 São Paulo, 1999. In www.scielo.br/

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 5^a Ed. São Paulo: Cortez, 2004

NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAYNE, Thomas E. Describing Morphosyntax: a guide for field linguists. New York: Cambridge University Press, 1997.

SOPHEN, Timothy. Language, typology and syntactic description. New York: University of Cambridge, 1995